



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **08/05/2019**

Aprovado em: **09/06/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.28.10>

CINEMA E RELAÇÃO COM O SABER: UMA ANÁLISE DA OBRA FÍLMICA PRO DIA NASCER FELIZ DE JOÃO JARDIM; CINEMA AND RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE: AN ANALYSIS OF FILM WORK PRO DIA NASCER FELIZ BY JOÃO JARDIM; CINEMA Y RELACIÓN CON EL SABER: UN ANÁLISIS DE LA OBRA CINEMATOGRAFICO PRO DIA NASCER FELIZ DE JOÃO JARDIM

EIXO: 28. RELAÇÃO COM O SABER

LUCIANA ALVES RODRIGUES

RESUMO

A obra filmica *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, é classificada como um documentário. Ela serviu de instrumento de análise ao presente estudo, por seu aporte documental e quase denunciador das intempéries educacionais brasileiras. O artigo propõe um exame teórico de autores que estudam o cinema no âmbito da produção e experiência estética, além dos que compreendem a educação e o sentido da escola como partes inerentes de uma formação humana. A correlação do cinema com a relação com o saber partiu de uma expressão teorizada por Bernard Charlot que se desenvolve a partir de um raciocínio que vai além da noção de fracasso escolar e posição social. Nesse sentido essa correlação contribuiu na análise do filme, pois este transcendeu seu caráter denunciador ao dar voz principalmente às minorias sociais.

ABSTRACT

The film work *Pro dia nascer feliz*, of João Jardim, is classified as a documentary. The work has served as an analysis instrument to the present study, because of its documental input and almost revealing of the brazilian educational obstacles. The article proposes a theoretical examination of authors that study the cinema in the context of the esthetic production and experience, as well as that ones who understand the education and the school meanings as inherent parts of a human formation. The correlation of the cinema with the relation with knowledge has come from an expression theorized by Bernard Charlot, which is developed from a reasoning that goes beyond the concept of school failure and social position. In this way, this correlation has contributed in the film analysis, because it transcended its revealing character by giving voice mainly to the social minority.

RESUMEN

La obra filmica *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, se clasifica como un documental. Ella sirvió de instrumento de análisis al presente estudio, por su aporte documental y casi denunciante de las intemperies educativas brasileñas. El artículo propone un examen teórico de autores que estudian el cine en el ámbito de la producción y de la experiencia estética, además de los que comprenden la educación y el sentido de la escuela como partes inherentes de la formación humana. La correlación del cine con la relación con el saber se originó de una expresión teorizada por Bernard Charlot que se desarrolla a partir de un razonamiento que va más allá de la noción de fracaso escolar y posición social. En este sentido, esa correlación contribuyó en el análisis de la película, pues este trascendió su carácter revelador al dar una voz sobre todo a las minorías sociales.

INTRODUÇÃO

O estudo se propõe a analisar a obra filmica *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, a fim de compreender como a obra consegue estimular o espectador à reflexão a partir de recortes da realidade escolar e social brasileira, e principalmente aferir se ela se insere num campo estético que possa – através do contexto de sua narrativa, daquilo que nos toca, nos envolve, seja a partir da sonoridade, da luz, dos efeitos, da imagem nítida ou desfocada, do tempo transcorrido, do tempo selecionado, do espaço principalmente, das montagens e do movimento – ser coerente para uma práxis da imagem e da narrativa desenvolvida e ser então assimilada no contexto educacional.

Pretendemos partir de uma perspectiva pedagógica na análise proposta, visto que observamos a importância que o contexto cultural tem para a educação escolar, sendo este desenvolvido de forma ímpar pela respectiva obra. Sem deixar, é claro, de considerar a realidade de algumas instituições escolares brasileiras: as mazelas que a educação escolar pública enfrenta, diferente da realidade observada no ensino privado, compreendendo também que as imagens projetadas foram selecionadas a fim de alcançar o espectador, nos limites que a educação escolar brasileira se insere e considerando como a estrutura social da qual fazemos parte na atualidade engendra uma desigualdade social sem precedentes.

Nesse contexto, o estudo se concentrou em teóricos que estudam o cinema no âmbito da produção e experiência estética, além dos que compreendem a educação e o sentido da escola como partes inerentes de uma formação humana. Desenvolvemos também uma correlação do cinema com a relação com o saber, visto que esta expressão, teorizada por Bernard Charlot, buscou compreender, em sua elaboração, a verdadeira relação da aprendizagem no ambiente escolar, levando em conta principalmente, o aluno que, muitas vezes, se encontra em situação de fracasso escolar.

O interesse pelos estudos de Bernard Charlot nos convoca ainda ao que ele chama de leitura positiva da realidade social, por ser uma leitura que prioriza a experiência e as atividades dos alunos, além de sua interpretação do mundo. Contrário à leitura positiva seria explicar o mundo pela causalidade da falta que raciocina em termos de carências. Praticar a leitura positiva seria, então, privilegiar o que as pessoas conseguem fazer e fazem, e não suas carências.

Sendo assim, a fim de desenvolver a análise da obra filmica de João Jardim e refletirmos acerca do cinema e a educação, problematizamos as seguintes questões: Podemos compreender o filme destacado como uma obra de cultura? Qual a contribuição verdadeiramente significativa dessa obra para a reflexão acerca da educação escolar? Como pensar a relação com o saber a partir de um viés cultural que se faz urgente na construção de uma formação humana?

1 O CINEMA COMO ARTE E DISCUSSÃO POLÍTICA

A obra filmica *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, é classificada como um documentário que teve como característica o desenvolvimento de seu enredo baseado em fatos e narrativas reais a partir de recortes e montagens selecionados após observações empíricas, além de entrevistas realizadas pela equipe de produção do filme com estudantes, profissionais da educação e alguns familiares, todos de instituições educacionais brasileiras.

Ao conceituar o cinema, Arnold Hauser (2000) nos diz que se trata de um meio popular que seduz diretamente as grandes massas e que não oferece resistência às novas ideias. Destaca que os filmes documentários foram de extrema relevância para a edificação do cinema russo e que a rotina cotidiana da máquina econômica e administrativa da vida americana foi ricamente reproduzida em documentários, o que, para o autor, consiste no que verdadeiramente se tem como dívida ao cinema americano. Ele continua:

Pois um filme é tanto mais cinematográfico quanto maior for a participação de fatos materiais, extra-humanos, em sua descrição da realidade, ou seja, quanto mais estreita for a conexão, nessa descrição, entre o homem e o mundo, a personalidade e o ambiente, o fim e os meios (HAUSER, 2000, p. 990).

Segundo Hauser (2000), o filme documentário tem uma tendência para o factual e o autêntico, como um documento. Ele ressalta que, ao mesmo tempo em que se anseia pela realidade atual em estar bem informado, e até com um subsequente motivo ativista, há também a recusa “em aceitar os propósitos artísticos do século passado, que se expressa no abandono da história e do protagonista individual, psicologicamente diferenciado.” (p. 990). A ideia de mostrar a vida como ela é, sem adulteração dos fatos, pode ser frequentemente uma renúncia da arte. Por isso muitos representantes desse gênero não fazem questão que suas produções sejam descritas como “obras de arte”. Nesse contexto, afirmar que João Jardim renuncia à arte não nos cabe, visto que é possível reconhecer uma elaboração artística em sua produção. Porém, fica evidente que sua discussão política centrada na atual realidade escolar e social brasileira foi seu objetivo primeiro.

Em uma entrevista realizada por Solange Jobim e Souza[i], João Jardim ressaltou a dificuldade em se produzir, no Brasil, documentários com temas polêmicos, como a obra produzida por ele, visto que não se consegue patrocínio para um filme mais político. O processo para conseguir o dinheiro foi lento e, segundo ele, há uma concorrência com outros filmes mais atrativos comercialmente, com atores mais famosos e temas mais sedutores. Afirmou que emissoras brasileiras grandes não assumem a produção de tais temas, pois é muito arriscado para elas. Muitas vezes, podem até exibir algum filme com um viés mais político, mas produzir um filme com essas características é outro departamento. O cineasta ainda destacou a imprensa nesse processo e a importância do cinema para um aporte documental.

... seria fundamental, acho que seria muito importante pro Brasil poder produzir filmes com viés político forte, reflexivo, porque a gente vive situações que a imprensa explora bem, só que não é papel da imprensa analisar aquilo de uma maneira mais... A imprensa não pode... O que você escreve hoje já não vale nada amanhã e o cinema tem uma coisa que ele vira um documento, que pode ser visto e revisto. O jornal de ontem, daqui a três semanas já vale muito pouco (JARDIM, s./d., p. 1).

Nesse contexto do viés político que é apresentado no documentário de João Jardim, podemos destacar, como colocado por Jacquinet-Delaunay (2006, p. 16), que não basta denunciar os poderes, nem os pedagógicos e nem os outros, “é preciso também dotar-se dos instrumentos de análise que permitam dar conta do modo como eles se inscrevem nas realidades e, por conseguinte, melhor situar os locais de ruptura”. Ela ainda afirma que há uma distância entre as mensagens audiovisuais e a “pobreza do nosso saber” sobre o que quer dizer tais mensagens e como elas funcionam.

A questão de denunciar o poder é algo complexo até mesmo para o cinema e, analisando a entrevista concedida à Solange Jobim e Souza, João Jardim leva a crer que sua responsabilidade em devolver um tema polêmico e complexo, que foi abordado no documentário, para a sociedade, foi antes a de compreender as relações entre os jovens e a escola, os jovens e os professores e, também, os jovens e suas famílias. Percebeu, no seu contato com os jovens protagonistas de seu filme, que o fato de alguns estudantes das periferias brasileiras escolherem a bandidagem, a perversão, é algo que faz parte do contexto em que vivem; o universo deles, e também a escola, não têm muita lei.

Faure (2010, p. 69) problematiza que um filme dentre variados gêneros, incluindo o documental, leva

um observador informado a descobrir nele elementos de uma “arte absolutamente original”. O autor ressalta que o cinema utiliza de seu caráter técnico para alcançar o espectador e sua qualidade artística é certamente verificada na sua pretensão de “expressar as aspirações sentimentais e as efusões líricas das multidões” (p. 71). O cinema registra mecanicamente as imagens que são posteriormente captadas pelo olhar humano que, ao escolhê-las, coloca-as na ordem de seus registros.

Se o cinema nos revela, graças à sua faculdade de reproduzir passagens luminosas ou formais demasiado sutis para serem captadas diretamente pelo olhar humano, todo um mundo de harmonias ainda ignoradas e muitas vezes até insuspeitadas por esse olhar, entende-se que essas harmonias podem ser, para o cérebro de que ele é o intermediário, o ponto de partida para a descoberta de relações desconhecidas entre os objetos e consequentemente uma fonte inesgotável de imagens e ideias novas que espreitam a imaginação e o lirismo (FAURE, 2010, p. 72-73).

João Jardim, na entrevista citada, ressalta que não tem muita gente que faz documentário como o *Pro dia nascer feliz*, um documentário que, nas palavras dele, “procura falar da alma das pessoas de uma forma mais profunda” (JARDIM, s./d., p. 1). A entrevistadora percebeu uma tensão, que ela considerou positiva, entre o ‘mostrar’ e o ‘dizer’ que, de acordo com ela, surge em momentos importantes no filme: dentre elas, a imagem da chuva com o relato da menina presidiária que tirou a vida da colega da escola. Ela diz reconhecer a chuva como uma substituição do choro que está ausente na fala da personagem e presente na escuta de quem assiste à cena.

Outra cena que diz mais que muitas palavras e que Solange caracteriza como “igualmente bela” são os olhares que crianças e jovens direcionam ao espectador nos momentos finais do longa-metragem. Segundo a entrevistadora, o olhar deles invade, indaga, interpela “o espectador a ser responsável, a responder ao apelo dos jovens” (SOUZA, s./d., p. 1). O cineasta concorda que essas imagens, assim como observado por Solange, nos permite sair definitivamente do plano da informação e entrarmos no plano da estética. Ele afirma que o cinema tem muito disso, que diz de coisas que são eminentemente imagéticas, mais do que informacional. Pontua que é possível fazer um filme só com imagens, mas que só com palavras é muito mais difícil.

2 A ESTÉTICA FÍLMICA

É possível afirmar, sem sombra de dúvidas, que a obra fílmica de João Jardim é uma obra de cultura e que trata, como o cineasta mesmo reconheceu, de um aporte documental que pode ser visto e revisto várias vezes. A obra traz um enredo que nos indaga, questiona e incomoda do início ao fim. Escolher analisá-la partiu de um interesse pessoal e profissional que nos coloca, enquanto educadores, num lugar longe de ser confortável, porém, também longe de aceitar que a educação escolar apenas reproduz as mazelas sociais.

No tocante ao que se refere à estética, Jullier (2015) aponta um paradoxo que é um dos problemas atuais da filosofia da estética: seria as propriedades da estética pertencentes às imagens ou à subjetividade do olhar do espectador? A autora ressalta que há diferentes maneiras de praticar a estética e que a escolha da abordagem e dos conteúdos influencia nesse contexto. Coloca que há três conjuntos a considerar: os conjuntos de dispositivos, de mensagens audiovisuais e de obras que exercem um juízo de gozo. Esses conjuntos incidem simultaneamente na maneira como se posta o espectador diante da máquina, ao sentar-se frente à televisão ou ao ecrã; nas mensagens que serão suporte na construção de sentido e, por último, na avaliação do prazer a partir da apreciação dos artefatos artísticos da obra.

Merleau-Ponty (1983) diz que um filme é uma forma temporal e não meramente uma soma de imagens. Para haver sentido numa imagem há uma dependência dessas em relação às que a precedem no correr do filme, dessa forma, “a sucessão delas cria uma nova realidade, não equivalente à simples adição dos elementos empregados” (p.111). O autor ressalta que há uma seleção de tomadas (ou planos) que partem de leis que estão por serem descobertas e que, até então, são apenas pressentidas pela astúcia do diretor que opera a linguagem cinematográfica.

Há, além da seleção de tomadas (ou planos) – a partir de sua ordenação e de sua duração, que constituem a montagem – uma seleção de cenas ou seqüências, segundo sua ordenação e sua duração, que consiste na decupagem, o filme emerge como uma forma altamente complexa, em cujo interior, ações e reações extremamente numerosas atuam em cada momento. (MERLEAU-PONTY, 1983, p. 111).

É possível perceber na obra de João Jardim que a seleção de tomadas na construção das montagens permeou um objetivo claro: alcançar o espectador a partir de uma experiência intensa e dramática que, sem respaldo de atitude crítica, poderia contribuir na desorientação, na descontinuidade e na instabilidade. Isso porque, segundo Silva (2018), a tomada de consciência em relação à crise que repercute a educação parte da reconstrução permanente de referenciais da vida histórica e social.

Assim como Jullier (2015) evidenciou a estética na esfera do cinema, é possível apreender que a aceção artística pertence à imagem, mas, ao mesmo tempo, confere ao olhar do espectador, o sensível da obra. O cinema pode condicionar ou estabilizar normas que representem o espectador, ou, em contrapartida, atuar como meio de libertação dessas mesmas normas.

Mendonça (2013, p. 39) explicita que “o espectador experiencia emoções perante o cinema de vários modos”. As emoções são sentidas pelo espectador a partir do ambiente criado no filme: pela iluminação, música, e também pelas narrativas do enredo que são expressas pelos personagens. A resposta emocional do cinema é um dos processos sutis que partem do contágio emocional do espectador. A autora ressalta que esse contágio emocional é relativamente automático e incontrolado.

O contágio emocional é a tendência para imitar e estar em sintonia automaticamente com as expressões, falas, posturas e movimentos de outra pessoa e, conseqüentemente, de experienciar uma convergência emocional. E por isso o contágio emocional, sendo relativamente automático e incontrolado, pode ser em parte inacessível à consciência da pessoa que a experiencia, fazendo com que seja um processo que, ainda que passível de ser reconhecido quando nos acontece, se encontra fora da nossa zona de controle consciente (p. 39).

A riqueza estética da obra de João Jardim se situa no limiar entre o estranhamento e o encantamento. O espectador se depara exatamente com essa experiência que Mendonça (2013) sublinha sobre o contágio emocional, um processo que está fora da nossa zona de controle consciente. Como não se encantar por Valéria, Ronaldo e Keila, personagens poéticos, filosóficos, reflexivos, que tiveram suas vozes aquecidas pela obra fílmica, vozes ativas que logram pelo sonho e a expectativa, que evidenciam a força e a coragem, e maculam a dor e a quase desesperança?

Meu acalanto é a melodia do vento sobre minha janela, a minha certeza é de que sempre que olhar pro céu terei as estrelas protagonizando um belo espetáculo, de que ao anoitecer terei um singelo luar e no despontar de um

novo dia terei novas esperanças e no palco da vida terei uma plateia exclusiva para me aplaudir em meio às contradições postas pelo destino. (Valéria 16 anos, Escola Estadual Dias Lima, Inajá – PE). (PRO..., 2006).

Eu vou estudar filosofia, porque acho interessante, mas também porque no ano que vem eu entro para um seminário para uma congregação religiosa, então assim, eu não vou ter profissão, eu vou ser padre, essa é minha profissão... (“Por que quer ser padre?”) Eu acho que, não sei, acho que a minha realidade a minha volta, eu acho que eu percebo que sendo padre eu posso ajudar as pessoas de alguma forma. Acho que existem várias formas de ajudar, mas eu Ronaldo, acho que é assim que eu posso ajudar as pessoas. (Ronaldo 16 anos, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba – SP). (PRO..., 2006).

Simplesmente sinto que as ideias dilaceram minha súbita nóia, como se as letras formassem minha sentença. Penso e apenas penso, sou mais do que isso, sou a cômica agonia que dilata e dilata, o mundo não é o bastante pra mim. Tudo é apenas pouco, o nada, fico apenas em silêncio dizendo com ele tudo e com as palavras nada. (Keila 16 anos, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba – SP). (PRO..., 2006).

3 O CINEMA E A RELAÇÃO COM O SABER

O documentário *Pro dia nascer feliz* constrói seu enredo apresentando o contexto escolar de algumas localidades brasileiras, desde a que é apontada como a mais pobre do Brasil, Manari, no interior de Pernambuco, até a grande metrópole São Paulo. A obra filmica exhibe de início a fala de um jovem que, de antemão, revela o viés político e quase denunciador que o filme se propõe:

Às vezes eu acho que é um pouco violento, esse jeito como, sei lá como se vive no mundo. E às vezes as pessoas realmente tem que deixar de lado aquilo que elas acreditam pra se conservar vivas assim, um pouco, é isso (PRO..., 2006).

São vários os relatos de professores que nos incomodam e nos chocam, descrições de realidades cotidianas vivenciadas nas escolas que nos leva a uma desesperança em relação ao contexto educacional da atualidade.

Vejam só vocês sabem que o dinheiro que vem pra escola não é muito, aí vem R\$ 1.200,00. Eita se fosse por mês era bom demais! R\$ 200,00 já é separado, essa aqui é do INSS, diz logo aqui. Agora apareceu mais outro NSS não sei de quê, é mais 11%, que já vai mais R\$ 110,00. R\$ 50,00 é da prefeitura, e a prefeitura nem pode perdoar. Nós temos que pagar o contador. Aí veja só quando vai ficar no final vai ficar com R\$ 600,00 e poucos reais. (Provavelmente o diretor da Escola Estadual Cel. Souza Neto em Manari – PE). (PRO..., 2006).

Em Manari, a aluna Valéria, mencionada anteriormente, diz que “aqui, na maioria das vezes, não tem nem chance de sonhar” (PRO..., 2006). Ela gosta de ler poemas de autores como Vinícius de Moraes

e admite que os colegas da escola a acham diferente por gostar de ler. Ela declama um de seus poemas:

Eu poderia ser uma adolescente normal, se não tivesse uma família formada por onze pessoas. Eu deveria ter sido uma criança normal, se não fosse as responsabilidades que eu cumpria. Eu deveria gostar do que faço se não fosse obrigada a fazer. Eu deveria frequentar ambientes de laser se não tivesse que trabalhar. Eu deveria reclamar quando dizem algo que não gosto. Se não tivesse inspiração para descrever cada situação. Eu poderia reivindicar quando sou julgada injustamente, mas calo-me e a humildade prevalece. Eu deveria ter uma péssima impressão da vida, se não fosse a paixão que tenho pela arte de viver. (Valéria 16 anos, moradora em Manari e estudante da Escola Estadual Dias Lima, Inajá – PE). (PRO..., 2006).

Valéria diz que os professores não consideram suas escritas e nem lhe dá boas notas, pois não acreditam que as produções são de sua autoria, acham que ela reproduz ideias de algum autor. Como em Manari não tem o ensino médio, Valéria e outros alunos precisam ir para Inajá, cidade que fica a 31km de distância, para estudar. Ela pontua que a prefeitura disponibiliza dois ônibus para o transporte deles, mas frequentemente não conseguem ir, pois o ônibus, na maioria das vezes, está quebrado. Para confirmar a fala da aluna, o narrador diz que “durante as duas semanas de filmagem, Valéria foi à escola somente três vezes. O ônibus estava quebrado” (PRO..., 2006).

Percebe-se que a ação de estudar nesse contexto transcende as inúmeras barreiras que são postas. Os muitos alunos que não desistem provavelmente têm na escola o único sonho de um futuro melhor, ou, na pior das hipóteses, o único lugar de encontro, de socialização, e até de entretenimento.

É possível fazer uma correlação da constante falta dos alunos com as baixas notas quando, pela fala da diretora Dona Nenê, se evidencia que seus conceitos são insatisfatórios e que rever essa situação é muito difícil.

Eles com certeza quando são avaliados, os seus conceitos são insatisfatórios e o professor é obrigado a rever a situação oferecendo oportunidade, ou seja, uma recuperação paralela. Mas é tão restrito são apenas três dias, para todos os professores, para a escola inteira. Então não tem como o professor rever os conteúdos, marcar um dia pra avaliação. Eles têm que ver sozinhos. (Dona Nenê. Diretora da Escola Estadual Dias Lima, Inajá – PE). (PRO..., 2006).

Além da fala da diretora, que pontua sobre as avaliações, temos a fala da professora Denise, que ressalta o desinteresse dos alunos, que vão para a escola no intuito de extravasarem e não para estudar. Observa ainda que os professores estão desestimulados por causa dos alunos e, por esse motivo, faltam com frequência e, na maioria das vezes, não ficam até o horário de término das aulas.

Acho que eu já não lhe disse, que eles vêm assim como que pra extravasar, não todos, alguns vem mesmo para aparecer, pra se mostrar. Eu digo para as meninas, elas vêm se arrumam, e vem como quem vão pra um baile e ficam nos corredores paquerando, muitas nem entram. Umas entram, botam o caderno e voltam. Eu já conheço todas, aí bota o caderno... “Cadê fulana? Ah tá lá na rua namorando”. Quer dizer elas vêm como um escape. O pouco que se tem é essa aula mesmo e assim mesmo eles não querem, a gente se desestimula. [...] Hoje faltam onze professores aqui que vão para uma

pós-graduação [...]. Se eles não mandarem substituto, já fica furado, pois você fica atendendo uma sala, duas, é uma doidice. Então aquele professor que tem compromisso ele manda alguém e quem não tem não tem aí, por causa dos alunos mesmo... (Professora Denise. Escola Estadual Dias Lima, Inajá – PE). (PRO..., 2006).

É possível observar, a partir das montagens selecionadas e sequenciadas no longa-metragem, a partir das falas apresentadas, das expectativas dos alunos, da espera pelo ônibus e, em seguida, pela análise da diretora dos resultados insatisfatórios e também da observação da professora em relação ao não compromisso dos alunos, que os profissionais e os alunos não conseguem se entender, não dispõem dos mesmos interesses. Porém, procurar culpados para a realidade desse contexto, ou mesmo sugerir soluções a partir de respostas prontas e acabadas certamente não é o caminho. É preciso compreender que o contexto contemporâneo, assim como reflete Furtado (2012, p. 209), “propõe novas formas de compreensão dos acontecimentos”. Os modos de pensar as realidades atuais se constituem em uma rede de conhecimentos que coaduna os espaços formais, informais e não formais.

Como compreender então os problemas presentes no contexto educacional contemporâneo e que foi excepcionalmente apresentado na obra filmica de João Jardim? Um de nossos objetivos, como exposto anteriormente, foi o de correlacionar o contexto do documentário com a relação com o saber e principalmente refletir sobre o sentido da escola. E, nesse contexto, concordamos com Furtado (2012) quando pondera: “Pensar a educação como formação é referenciar a escola como instituição que realiza seu projeto social centrado nas possibilidades constitutivas do humano em sua relação com os saberes” (p. 210).

A relação com o saber foi objeto de importantes pesquisas realizadas pelo teórico Bernard Charlot. Consideramos seus estudos relevantes em virtude de uma atenção dada à relação aluno-aprendizagem, levando em conta principalmente o aluno que se encontra em situação de fracasso escolar, se comprometendo principalmente com as questões escolares dos menos favorecidos (CHARLOT, 2013). O autor observou que o objeto “fracasso escolar” pode ser uma chave acessível para interpretar o que ocorre nas salas de aula, porém, esse objeto adquiriu evidência tal que o tornou um peso social e midiático. Nesse contexto, afirma ser necessário questionar como o problema “fracasso escolar” foi formulado e elaborado.

Se analisarmos o enredo presente no documentário sem o respaldo de um estudo crítico, chegaremos à conclusão de que grande parte da realidade exibida, por meio das narrativas dos alunos Uanderson, Deivison Douglas, Rita e os alunos que não tiveram seus nomes divulgados nos últimos recortes do filme, além das falas das professoras Celsa e Suzana, é que a relação desses alunos com a aprendizagem estão fadadas ao fracasso.

A reflexão aqui levantada coaduna com os estudos de Charlot (2000, p. 16), visto que ele optou por estudar a relação dos alunos com o saber e não o fracasso escolar. Ele afirma que, literalmente, não existe o “fracasso escolar”. O que existe são alunos em situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal: “Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisados, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar””.

Quando um aluno está em situação de fracasso detectam-se faltas, diferenças entre os alunos, entre o que se esperava em relação à aprendizagem e o resultado satisfatório. Porém, poderia se interessar pelo contrário, pela atividade do aluno, e também do professor, perguntando o que aconteceu e por que certa atividade não funcionou. E é nesse contexto que concordamos com a leitura positiva da realidade feita pelo autor, que prioriza a experiência, as atividades dos alunos e sua interpretação do mundo. Praticar uma leitura positiva é privilegiar o que as pessoas conseguem fazer e fazem, e não suas carências.

4 A LEITURA POSITIVA E O SENTIDO DA ESCOLA

Além das cidades de Manari e Inajá, a obra fílmica de João Jardim desvela outras realidades precárias de escolas públicas brasileiras: o Colégio Estadual Guadalajara, na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro; a Escola Estadual Parque Piratininga II, em Itaquaquecetuba, no interior de São Paulo; a Escola Estadual Levi Carneiro, na periferia da grande metrópole São Paulo, e, por último, uma escola cujo nome não é divulgado, nem sua localidade. A única escola privada apresentada no documentário é o Colégio Santa Cruz, localizado no bairro Alto de Pinheiros, da cidade de São Paulo.

Uma questão que surge ao ouvir os vários relatos presentes é: o documentário em questão poderia nos servir para retratar a realidade escolar tal qual ela é? É claro que a obra perpassou por algumas regiões brasileiras, ou seja, uma pequena amostragem do todo que compreende o país, porém, a articulação do conjunto da obra constitui uma exposição significativa e que não deixa de ser chocante. Percebe-se, ao apresentar as narrativas dos jovens, sejam eles de periferia, excluídos e sem perspectiva de futuro, ou os de classe média, com certa garantia de vida financeira, que nenhum deles está livre de frustrações, angústias e medos.

Desde pequeno que eu vejo isso é mó tempão que já que porra, tô vendo isso no dia a dia, lá onde eu moro rola essas paradas, não vou falar pra você que eu nunca segurei em arma que eu tô mentindo, que eu nunca usei uma droga eu tô mentindo, claro que já [...] Mas eu nunca me deixei influenciar, nunca deixei a cabeça subir não... [...] Meu irmão trabalha, quando eu quero uma parada meu irmão me dá, minha mãe me dá também... (Deivison Douglas 16 anos, Colégio Estadual Guadalajara na cidade de Duque de Caxias – RJ). (PRO..., 2006).

Não só o governo, mas a escola em si passa uma imagem que o ensino tá melhorando, mas não tá, se tivesse melhorando a gente não precisava desse programa do Pró-Universitário, não precisava de cotas em Universidades Públicas [...] Semana retrasada eu saí praticamente quase toda a semana duas aulas mais cedo, acho que só teve um dia que eu tive todas as aulas, o restante todos eu sai mais cedo. (Ronaldo 16 anos, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba – SP). (PRO..., 2006).

Eu tinha três matérias (em recuperação), eu estudava umas 5 horas por dia, mais ou menos, e fora as aulas particulares também que eu peguei. Eu fui falar com a direção e sei lá os duzentos alunos que estão de recuperação, eles estão sofrendo, tem muita gente querendo sair do colégio e eles falaram “não isso é normal, entendeu? Tá no esperado”. Então eles querem mesmo apertar, querem mesmo fazer a gente ver o perigo, dar uma assustada pra sei lá por a gente na faculdade. [...] Você não é burra, são as notas entendeu? Achando que você não é capaz, que você não merece tá num colégio bom como esse. (Thaís 16 anos, Colégio Santa Cruz, bairro Alto de Pinheiros São Paulo – SP). (PRO..., 2006).

Percebe-se que os jovens se mostram confusos em relação ao processo educacional e não conseguem, na maioria das vezes, criticar o sistema, pois não compreendem o significado da escola e sua relevância. De acordo com Silva (2018, p. 7) “Ficam restritos a reações individuais, que vão desde a desilusão e a depressão até a violência.” Ainda segundo o autor, com os professores não é diferente: também se sentem confusos. A fala da professora Suzana evidencia que a escola continua

engendradora como no século passado. Silva (2018) acredita que ela teria se referido ao século XIX: “A educação não teria acompanhado o ritmo histórico, a aceleração da vida, as mudanças comportamentais, o aumento do fluxo de informações etc.” (p. 7).

Eu não acredito mais na escola nos moldes em que ela existe sabe? Na função que ela tem, eu acho que ela tinha que ser repensada, por que a gente tá vivendo uma escola de século passado né? Ela não cumpre mais a sua função e hoje aí fora tá muito mais interessante, tem muito mais informação [...] eu acho que o professor tá bem preparado o professor não tá preparado é pra esse tipo de aluno, entendeu? De ser agredido, de ser violentado, de ser desrespeitado diariamente, é isso que ele não tá preparado. [...] (Professora Suzana, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba – SP). (PRO..., 2006).

Outra questão importante a analisar em relação à obra de João Jardim é compreender “O que as imagens querem?”. Mitchell (2015) traz uma importante reflexão sobre as imagens daqueles que têm sido objeto de discriminação “vitimados por imagens preconceituosas, identificados com estereótipos ou caricaturas” (p. 166). Ele ressalta que as imagens querem uma voz, uma poética de enunciação: “Elas apresentam não apenas uma superfície, mas uma face que encara o espectador” (p. 167).

É possível perceber claramente que João Jardim deu voz aos personagens, principalmente às minorias, aos jovens e profissionais das periferias. As imagens e narrativas aqui presenciadas encarnam o que antes foi mencionado: as mazelas sociais, criticando contundentemente a escola como aquela que, muitas vezes, não cumpre seus objetivos. Porém, é necessário pensar sobre as causas e acontecimentos que envolvem os problemas educacionais, é preciso, como destacado por Furtado (2012, p. 210), estabelecer “relações com as possibilidades de modificações, de rupturas com o já instituído, pois todo pensamento está inserido num contexto permeado pela cultura”.

Bernard Charlot, em seus estudos, contesta teorias que analisam as adversidades educacionais e consequentemente o fracasso escolar como uma questão de posição social. A teoria da reprodução é a que o autor primeiramente discorda, pois essa coloca que, se o aluno fracassa, é porque falta a ele recursos iniciais que o permitiria ter sucesso; são consequências da falta que já se verifica na sua origem, na sua família. Assim, segundo Charlot (2000, p. 28), “se constrói uma verdadeira teoria do fracasso escolar, formulada em termos de origem e deficiências”. O autor diz que, para se compreender o que acontece na escola e quais as relações de um aluno com o saber, é preciso sim levar em consideração a posição social, mas também o fato de que esse aluno é um sujeito.

Tanto o aluno da classe média, quanto o aluno do meio popular são sujeitos no processo do contexto educacional, são alunos que podem ter sucesso, como também podem fracassar. É evidente que o aluno do meio popular ocupa uma posição social dominada, mas, ao mesmo tempo, ele é um sujeito, um ser de desejo, que interpreta o que lhe surge, que fala, que age, que tem uma história pessoal inserida em histórias maiores, como a sociedade: “Porque a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determinam diretamente seu sucesso ou fracasso escolar.” (CHARLOT, 2005, p. 49).

Nesse contexto, Bernard Charlot defende, como antes mencionado, o que ele chama de leitura positiva da realidade, leitura essa que privilegia o que as pessoas conseguem fazer, e não suas carências. Para o autor, a leitura positiva é uma postura epistemológica e metodológica: “A leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, o que falta para essa situação ser uma situação de aluno bem-sucedido” (CHARLOT, 2000, p. 30). Trata-se de partir do que ocorreu com o aluno que viu dificuldade na escola e explicar de outra maneira por que ele, de fato, fracassou.

A leitura positiva se recusa a pensar o dominado como um objeto passivo, completamente manipulado pelo dominante. O autor salienta: “um sujeito que interpreta o mundo, resiste à dominação, afirma positivamente seus desejos e interesses, procura transformar a ordem do mundo em seu próprio proveito”. (CHARLOT, 2000, p. 31). Resistir à dominação não é raciocinar de forma ingênua sobre o fato de o sujeito ser dominado, mas compreender que mesmo ele dominado, ele é um sujeito.

No relato da professora Suzana observa-se, como antes também presente na fala da professora Denise, que fora dos portões da escola tudo é mais interessante, há muito mais informação ou atrativos que alcançam o aluno. Coêlho (2012) raciocina que certamente as transformações no campo das instituições e das organizações são expressivas na atualidade. Além das transformações socioeconômicas e culturais “as mudanças de valores, ideias e práticas; enfim, sobre nossas formas de ver, sentir, imaginar, pensar e agir” (p. 15).

Furtado (2012, p. 215) analisa criticamente que a pertinência da forma e a capacidade de dar conta das transformações da produção dos saberes e de sua transmissão faz com que a escola na atualidade assuma uma responsabilidade que necessita ultrapassar suas fronteiras para “atravessar as instituições e os grupos sociais”. Os ideais republicanos que se espalharam pela Europa e chegaram ao Brasil de forma gradativa ao longo do século XIX, segundo a autora, foi uma forma de combater a estagnação da ciência e, nesse sentido, a escola cumpre a função de “integrar” o indivíduo na sociedade.

Contudo, ainda que a escola tenha, desde seu início, englobado muitas dimensões, dentre elas, a de refinação dos comportamentos, de constituição dos saberes formalizados e objetivados, de sistematização do ensino, ainda assim, como analisado por Furtado (2012, p. 217), a experiência educativa é capaz de:

[...] lançar-se no vazio, abrir-se, arriscar-se e de reconhecer-se no saber instituído pelo outro. Torna-se assim, um modo de experimentar o mundo em suas várias possibilidades, de ser-no-mundo, sendo atravessado pelos acontecimentos ao mesmo tempo em que os atravessa.

Para Coêlho (2012, p. 66), a existência humana e a vida coletiva só são admitidas naquilo que é fundamental: o saber pensar as ideias e a realidade. Assim, o verdadeiro sentido da escola é ensinar crianças, jovens e adultos a pensarem e transformarem a sociedade constituída na igualdade, liberdade, autonomia e justiça. A escola “como *instituição de ensino e formação*, exige dos envolvidos no ensino e na aprendizagem, dos professores e estudantes, o cultivo da interrogação, do saber e da crítica”.

5 PRO DIA NASCER FELIZ – O CONTEXTO DA CULTURA E DO HUMANO

Bernard Charlot defende uma leitura positiva da realidade social e inclui o contexto escolar nessa perspectiva, ponderando que a escola poderia se interessar pela atividade do aluno e também do professor, privilegiando o que as pessoas conseguem fazer, e não suas carências. Nesse sentido, foi possível perceber na obra fílmica de João Jardim que o olhar para o sentido da escola foi incrivelmente realizado no momento em que recortes do contexto escolar apresentado trouxeram a perspectiva da arte e da cultura inseridas no âmbito educacional como meio possível da criação, da reflexão e, principalmente, da ação humana.

Um dos personagens que tomou conta do documentário foi o aluno Deivison Douglas, pois seu comportamento no ambiente escolar foi, de certa forma, apresentado como um comportamento inadequado para a escola. Em um dos recortes do filme é mostrado um Douglas conflituoso que acredita em si mesmo, se defende como uma pessoa que se adapta bem aos ambientes, e um Douglas

que, a partir da visão dos professores, é um aluno que tumultua, que se envolve em conflitos com professores – como foi o caso de desrespeito a uma professora, narrado pela diretora Maria Helena – e que, para ser aprovado, precisou ter sua avaliação reconsiderada no conselho de classe.

Percebe-se que há um desencontro entre as qualidades que o aluno tem de si mesmo e a inadequação de seu comportamento visto pelos professores. Porém, quando sua atividade é considerada dentro de um contexto artístico, como no momento em que ele se encontra parte integrante da banda da escola, como parte integrante da criação, da sua liberdade de expressão enquanto músico, da importância que o alcança em ter um lugar no desenvolvimento desse processo de formação, o discurso é outro. Exibe-se um Douglas que, mesmo ocupando uma posição social dominada, é um sujeito de desejo, que tem voz e interpreta o que lhe ocorre.

Douglas a impressão que a gente tem é que ele dormiu e acordou assim, só que não é. Ele trilhou um caminho até pelo convívio que ele tem no bairro, pelo conhecimento que ele tem, que a gente chama, pode-se dizer assim com a bandidagem do bairro, isso influenciou muito ele. Então ele quer assumir esse comportamento que não é dele. [...]. Se ele não for acompanhado isso pode tomar uma proporção muito grande na vida dele. E o Douglas o fato dele estar hoje no núcleo por várias vezes, a gente vê uma situação de conflito com a escola de impasse e o fato dele ser da banda pesou [...] A gente tem oficina de dança Afro, oficina de ritmo e oficina de teatro, esse é o tripé, foi daí que começou tudo [...] Eu não sei se ele vai ser músico, acho que isso aí é o de menos, mas ele gosta muito da música, acho que ele extravasa muito dessa energia quando ele tá lá com o surdo dele, isso é importante pra ele e de um menino que tá passando por uma fase difícil na vida [...]. (Edlane – Núcleo de Cultura do Colégio Estadual Guadalajara na cidade de Duque de Caxias – RJ). (PRO..., 2006).

Tenho maior medo de sair da banda, entendeu? É bom pra caralho cara, pelas atividades que a gente faz, tem vez que a gente vai em colégio aí, e a garota fica doida, querendo agarrar. Eu não sei o que eu ia fazer se eu não tivesse na banda. Nada, ia ficar em casa dormindo pra caraca até dá a hora de eu fazer alguma coisa, mais tarde sair tal, ou então taria na rua. (Deivison Douglas 16 anos, Colégio Estadual Guadalajara na cidade de Duque de Caxias – RJ). (PRO..., 2006).

Charlot (2000, p. 9) nos coloca uma questão que consideramos um ponto chave a se analisar no contexto das realidades escolares apresentadas na obra filmica: “Por que certas crianças dos meios populares alcançam, apesar de tudo, sucesso em seus estudos, como se elas conseguissem esgueirar-se pelos interstícios estatísticos?” Essa reflexão necessita ser feita ao pesquisar o contexto educacional brasileiro, principalmente a realidade das escolas públicas periféricas, que, como apresentado pelo documentário, possui um encadeamento de problemas. É fazer uma reflexão acerca do possível sucesso escolar, que não é considerado em termos de fracasso.

Como determinar que alunas como Valéria, por exemplo, não terão sucesso em seus estudos? A aluna, enquanto personagem do documentário, brilhou a obra com suas poesias, com sua lúcida maneira de encarar a vida. A obra filmica exibiu as singularidades das histórias escolares, permeando os contextos que envolvem um aluno, ou seja, uma singularidade que reforça o social que todos são. “[...] para sermos originais não podemos nos afastar do social; ao contrário, temos de atravessar o máximo possível de experiências sociais” (CHARLOT, 2013, p. 171).

A educação como direito antropológico permite a realização da singularidade humana. É o

movimento entre receber o legado cultural das gerações antecedentes e transmitir às gerações seguintes. A inserção do homem com outros homens e com a natureza, segundo Furtado (2012), se dá pela cultura, pois o ser humano aprende e convive com as diferenças que lhe são entregues desde cedo. A vida já está inserida na cultura, a experiência a ser vivida já incorpora as experiências reais que sempre estiveram presentes. Porém, como pondera a autora, a cultura é uma produção simbólica e dinâmica que não deve ser entendida como uma “cristalização cultural”, pois essa cultura não estaria congelada na tradição e na memória de um povo.

Há que se resgatar sua dinamicidade, considerando sua historicidade, seus conflitos e contradições, na busca de significação e reelaboração de seus aspectos constitutivos, pois como produção simbólica constitui-se e é constituída nas relações sociais concretas, criando significados que instituem tensões entre o tradicional e o novo através das divergências e conflitos, enfim, incorrendo em mudanças sociais significativas. (FURTADO, 2012, p. 211).

Essa dinamicidade da cultura certamente é vivenciada nas escolas; são experiências que as mantêm vivas, que transcendem os percalços. E, nesse contexto, podemos perceber, a partir das narrativas dos professores, um verdadeiro paradoxo entre uma realidade que os desmotiva, lhe provocam, muitas vezes, adoecimentos, e uma vivacidade da busca, da continuidade, da transformação, da condição do humano nesse processo. O caso da professora Celsa é um exemplo: percebe-se, em seu relato, a total exaustão que se encontra, o desencantamento e a indignação. Seu relato evidencia inúmeros problemas que são reais entre os muros da “Instituição Escola”. Esse aporte documental e denunciador da obra é de extrema relevância e, por isso, não podíamos deixar de destacar, visto que sua voz representa as milhares de vozes de profissionais da educação que vivenciam esse contexto diariamente. Aqui temos um grito literal de socorro:

Olha eu falto por quê? Por cansaço, eu acho que ser professor e tá envolvido mesmo com a profissão com eles, com os alunos e tal... É uma carga física e mental muito grande é mais do que o ser humano pode suportar, por que é muito psicológico, sabe? Eu faço terapia uma vez por mês, eu tenho que ir no psiquiatra, por que não dá, por que você se envolve com os problemas deles e nem sempre você tem o retorno. Às vezes você entra numa sala de aula e você é mal recebido, por que o professor ele ainda é visto pela maioria dos alunos como o inimigo né? Então existe um abismo muito grande ainda entre professor e aluno, professor e diretor, a impressão que eu tenho é que ninguém se entende né? [...] Acho que o professor perdeu a dignidade, na verdade a gente não tem dignidade pra trabalhar, você tem que aceitar muitas coisas dentro da sala de aula e isso vai deixando você com um espírito assim cada vez mais pobre. O estado ele deixa tudo muito jogado, sabe? [...] Tá todo mundo cansado de ouvir quais são os problemas da educação, mas ninguém faz nada. (Professora Celsa, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquetuba – SP). (PRO..., 2006).

Todavia, é importante perceber que a obra fílmica, ao explorar essas realidades que nos incomoda, nos indaga e nos choca, não se eximiu em exibir o sopro da ação humana, apresentando em algumas tomadas uma professora Celsa engajada com sua profissão, reflexiva, capaz de alcançar muitos de seus alunos, principalmente no trabalho com a poesia. Não se eximiu também de outros recortes imprescindíveis, como a inserção de Douglas na música, as discussões realizadas no grupo de estudos Fanzine[iii] e os relatos das alunas: Keila evidenciando a influência da professora Celsa e o grupo Fanzine em sua vida e Thaís, quando também afirma a influência da professora de filosofia em

um período de grandes dúvidas acerca de sua própria existência.

Que antes eu chegava da escola deitava na cama, ficava o dia inteiro dormindo... só tomava banho, comia e dormia de novo, comia até deitada na cama. Que pra mim seria a solução dos meus problemas... morrer... Seria mais fácil o caminho. Mas como diz a professora Celsa, se eu morrer eu vou sentir a dor eternamente, mesmo que eu esteja morta, seria a última coisa que eu ia sentir na vida entendeu? Vai permanecer pra sempre. Não dá mais... pra eu morrer. Se alguém dissesse assim pra mim... qualquer coisa que me magoasse eu xingava todo mundo não sabia o que, sabe? Como me expressar, mas depois que eu entrei no Fanzine assim tudo melhorou pra mim... (Keila 16 anos, Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba – SP). (PRO..., 2006).

Eu tenho medo de coisas assim completamente complexas e grandiosas assim, medo da morte, medo do que vai acontecer depois, então, eu começo a pensar nisso e eu fico naquela nóia e tem bilhões de perguntas na minha cabeça que eu sei que ninguém vai conseguir me responder[...]E eu sou uma pessoa que, acho que com a Graça de Deus, eu tive a ideia de conversar muito com as pessoas, então quando começou a me dar essa depressão, esse meu problema eu fui direto falar com a minha mãe. [...] O colégio já tinha me chamado e falado que eu tava triste, que minhas notas estavam caindo e teve um dia que eu tive uma crise e saí da aula que eu não tava bem e fui falar com minha professora de filosofia que meu é uma gênio né? Ela fala assim coisas, que ela chama da experiência negativa e você fala “nossa, existe alguém no mundo que sabe o que eu tô sentindo!” (Thaís 16 anos, Colégio Santa Cruz, bairro Alto de Pinheiros São Paulo – SP). (PRO..., 2006).

É importante salientar que a relação professor-aluno necessita se inserir num contexto de formação que permite desenvolver a reflexão, a criação e a autonomia, considerando que o sujeito só se reconhece enquanto tal na relação com o outro, no âmbito daquilo que corresponde a universalidade da condição humana. A educação, segundo Coêlho (2009), supõe reconhecimento e afirmação de princípios e valores. O não reconhecimento do cultivo da liberdade, da autonomia, da autoridade e da responsabilidade, contribui para uma progressiva tirania dos alunos sobre os professores. Nesse sentido, o professor, assumindo sua condição institucional e sua autoridade, não se coloca no lugar de melhor amigo do seu aluno, mas no lugar de responsável por sua formação intelectual e humana que, com lucidez e firmeza, de acordo com o autor, instiga respeito, confiança, crescimento e amadurecimento. Ele acrescenta:

Na escola a autoridade não está com os professores em virtude de seu cargo, mas à medida que, no exercício de seu ofício, trabalham com os estudantes o saber que autojustifica, formando-os na e para a autonomia, a liberdade, a responsabilidade com o que é de todos, público, com o bem comum. (COÊLHO, 2009, p. 193).

Compreendemos, então que, a Instituição Escola é imprescindível no processo de inserção do humano no contexto cultural, como reflete Furtado (2012, p. 224):

O papel da escola, em que se pese que sua função primeira seja ensinar,

transcende o ensino, pois, para além deste, a função formadora é o vínculo mais direto com a sociedade, contribuindo de maneira ímpar com os modos de difusão cultural, e talvez seja essa presença universal que faz da escola a instituição milenar que abriga as gerações desde a mais tenra idade. A escola é um caminho necessário, imprescindível para a conquista da autonomia do sujeito e da sociedade e esta deve ser coerente com seus fins e princípios. Entendemos assim que é preciso aprofundar a busca do sentido, a força do conceito da escola junto à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, após a análise da obra filmica de João Jardim, assim como antes aludido, que se trata de uma obra de cultura que se insere no campo da estética, visto que as relações temporais, as tomadas (ou planos), constituíram uma seleção de cenas e sequências que introduziu uma liberdade assumida pelo cineasta, possibilitando-nos fazer escolhas enquanto espectadores. Assim como sublinha Mendonça (2013, p. 44), o espectador está sempre em modo de autoconhecimento, pois o cinema, de certo modo, “traz para o público o que temos de privado e dado que o nosso privado se esconde de nós mesmos, precisamos explorar os muitos espectadores que somos”.

As escolhas possibilitadas pela obra a nós espectadores certamente partiram de questões privadas que sempre nos incomodaram e que clamaram por reflexão, visto ser uma temática extremamente problematizadora acerca das intempéries educacionais. E, nesse sentido, ao questionarmos sobre o verdadeiro significado da obra filmica para a reflexão acerca da educação escolar, compreendemos que seu objetivo quase denunciador dos imensos problemas sociais e escolares nos levou a raciocinar primeiramente qual o sentido da escola na atualidade.

Assim, pensar a educação como formação humana foi um viés fundamental, pois concordamos com Coêlho (2012, p. 82) quando nos diz que é preciso compreender o homem a partir da morada humana, da vida coletiva. E o sentido da escola tem por finalidade conceber “a formação do ser humano que sente, imagina, deseja, pensa, trabalha e que, em sua relação intrínseca com o outro, cria a vida em comum”.

João Jardim, na entrevista que destacamos, salientou que os jovens querem ser abalizados como protagonistas. O cineasta ressaltou que, muitas vezes, a fuga para o crime é uma forma que os jovens têm de serem notados, olhados, considerados. Nesse sentido, fazer uma leitura positiva da realidade escolar, privilegiando o que as pessoas fazem e não suas carências, é uma maneira de desenvolver a questão. É partir do contexto cultural desses jovens e, ao mesmo tempo, os inserir em contextos culturais outros que os alcancem, que alcance seus desejos, pois a escola, além do seu sentido imanente, necessita fazer sentido para o aluno e também para o profissional que a ela se dedica.

Dessa forma, concluímos que a obra filmica *Pro dia nascer feliz* descortinou novas possibilidades para além dos paradigmas constituídos, nos levando a refletir sobre nossa responsabilidade enquanto formador, que necessita considerar a subjetividade do sujeito e prepará-lo para discernir no contexto das práticas sociais. Assim como entender que a escola, mesmo não sendo o único espaço de formação, é como colocado por Furtado (2012, p. 225):

o espaço mais significativo de experiências no que se refere às questões antropológicas, epistemológicas e axiológicas, no qual todos aqueles que a frequentam constituem, assimilam, modificam e constroem cotidianamente a relação do individual, do singular e do coletivo.

[i] Doutora, Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da UERJ; Pesquisadora do CNPq.

[ii] Há um recorte que apresenta uma Reunião do grupo Fanzine da Escola Estadual Parque Piratininga II – Itaquaquetuba – SP. A professora que participa desse grupo de estudos de poesias com os alunos é a professora Celsa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1 ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Cultura, educação e escola. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org). **Educação, cultura e formação**: O olhar da filosofia. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009, p. 181-202.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Escritos sobre o sentido da escola: uma introdução. In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 15-32.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Qual o sentido da escola? In: COÊLHO, Ildeu Moreira. (Org). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 59-85.

FAURE, Elie. Vocação do cinema. In: FAURE, Elie. **Função do cinema e das outras artes**. Lisboa: Texto & Grafia, 2010, p. 69-91.

FURTADO, Rita M rcia Magalhães. O sentido da escola no contexto educacional contemporâneo. In: CO  LHO, Ildeu Moreira. (Org). **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 209-226.

HAUSER, Arnold. A era do cinema. In: HAUSER, Arnold. **História social e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 957-992.

JACQUINOT-DELAUNAY, Genevi ve. **Imagem e Pedagogia**. Presses Universitaires de France: Edições Pedagogo, Lda. 2006.

JARDIM, João. Como fazer o dia nascer feliz? Conversa entre João Jardim e Solange Jobim e Souza. In: **Nipiac UFRJ**, s./d. Disponível em:

<http://www.nipiac.ufrj.br/producao2/item/548-como-fazer-o-dia-nascer-feliz-conversa-entre-joao-jardim-e-solange-jobim-e-souza> . Acesso em: set. 2018.

JULLIER, Laurent. A estética das imagens animadas. In: GARDIES, René (org.). **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Texto & Grafia, 2015, p. 199-215.

MENDONÇA, Dina. Os muitos espectadores que somos. In: GRILO, João Mário. APARÍCIO, Maria Irene (orgs.). **Cinema e filosofia**: compêndio. Lisboa: Colibri, 2013, p. 29-46.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O cinema e a nova psicologia. In: XAVIER, Ismael (org.). **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983, p. 101-117.

MITCHELL, W. J. T.. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (Org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 165-189.

PRO dia nascer feliz. Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. Brasil, 2006. 1h28min36s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nvsbb6XHu_I&feature=youtu.be . Acesso em: set. 2018.

SILVA, Franklin Leopoldo e. Limites e possibilidades do ensino de filosofia. **Estud. av.**, São Paulo, vol. 32, n. 93, p.7-12, ago. 2018.

SOUZA, Solange Jobim e. Como fazer o dia nascer feliz? Conversa entre João Jardim e Solange Jobim e Souza. In: **Nipiac UFRJ**, s./d. Disponível em: <http://www.nipiac.ufrj.br/producao2/item/548-como-fazer-o-dia-nascer-feliz-conversa-entre-joao-jardim-e-solange-jobim-e-souza> . Acesso em: set. 2018.

NOTAS

[1]Doutora, Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e da Faculdade de Educação da UERJ; Pesquisadora do CNPq.

[2] Há um recorte que apresenta uma Reunião do grupo Fanzine da Escola Estadual Parque Piratininga II – Itaquaquecetuba – SP. A professora que participa desse grupo de estudos de poesias com os alunos é a professora Celsa.